



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO ARTÍSTICA - CÊNICAS

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS: O TEATRO DO OPRIMIDO E A POLÍTICA DE
EDUCAÇÃO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE IPATINGA-MG.

Claudiane Dias Silva

Ipatinga-MG

2016

CLAUDIANE DIAS SILVA

DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS: O TEATRO DO OPRIMIDO E A POLÍTICA DE
EDUCAÇÃO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE IPATINGA-MG

Trabalho de conclusão do curso de
Licenciatura em Teatro do Departamento de
Artes Cênicas do Instituto de Artes da
Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof.^a M.^a Débora Silva de
Azevedo.

Ipatinga–MG

2016

CLAUDIANE DIAS SILVA

**DIÁLOGOS PEDAGÓGICOS: O TEATRO DO OPRIMIDO E A POLÍTICA DE
EDUCAÇÃO INTEGRAL NO MUNICÍPIO DE IPATINGA-MG**

Trabalho de conclusão de curso aprovado, apresentado a UnB - Universidade de Brasília, no Instituto de Artes, Departamento de Artes Cênicas- CEN como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Teatro com nota final igual a MS sob a orientação do (a) professor (a) Mestre Débora Silva de Azevedo.

Ipatinga-MG, 30 de junho de 2016.

Débora S. de Azevedo

Professora Mestre Débora Silva de Azevedo

Glauber

Professor Mestre Glauber Gonçalves de Abreu

Rafael Tursi

Professor Mestre Rafael Augusto Tursi Matsutacke

DEDICATÓRIA

À toda minha família. Em especial, ao menino Joaquim, meu filho que me proporciona ver-me no ato de ver.

AGRADECIMENTOS

Sou grata a Deus.

Meus familiares: Honorina Dias, Raimundo Catarina, Welington de Gardene, Walington Dias, Jefferson Ornelas e Roberta Dias. Às crianças: meu filho, Joaquim, e as sobrinhas, Millena e Glendha.

Aos meus amigos e companheiros de trabalho: Francis Leine Silvestre, Sinésio Bina, Edmilson da Silva Peres e Elias Ferreira.

À orientadora da EaD\UnB, Débora Silva de Azevedo. Aos tutores presenciais, Olga Mendes e Denilson Almeida e à Marizéli (ex-coordenadora do polo Ipatinga).

Ao Grupo Farroupilha, minha escola cotidiana.

Ao meu primeiro professor de Teatro, José Lopes Sobrinho, e à Escola de Iniciação Teatral Sete de Outubro (desativada).

Aos alunos e ex-alunos.

Aos meus colegas de curso da EaD\UnB.

RESUMO

O presente trabalho possui como objetivo identificar e refletir sobre aspectos dialógicos presentes entre o método Teatro do Oprimido e a política de Educação Integral no município de Ipatinga-MG. Busca-se através de pesquisa bibliográfica, em materiais impressos e pesquisa eletrônica disponibilizada em sites de cunho acadêmico-científico, embasamento para discutir este tema apoiado em publicações de Augusto Boal e nos documentos sobre a Educação Integral em Ipatinga. Apresenta-se o processo teórico-prático de uma oficina de Teatro do Oprimido realizada durante o ano de 2015, junto a alunos da Educação Integral vinculados à Escola Municipal Arthur Bernardes. Os resultados apontam que o Teatro do Oprimido apresenta contribuições para a formação integral, destacando o sujeito ativo e participativo, estimulando a arte como coletiva e potencializando a participação e o diálogo entre os indivíduos em formação.

Palavras-Chaves: Teatro do Oprimido. Educação Integral. Formação do sujeito. Participação. Transformação Social.

ABSTRACT

This work aims to identify and reflect about dialogic aspects which are present between the Oppressed Theatre method and the Integral Education policy in Ipatinga - MG. We search, through literature, printed materials and electronic research available in academic-scientific websites, basis to discuss this issue supported on Augusto Boal publications and documents about the Integral Education in Ipatinga. We present the theoretical and practical process for the Oppressed Theatre workshop held, alongside students of Integral Education from the Municipal School Arthur Bernades, during the year 2015. The results show that the Theatre of the Oppressed presents contributions to the integral formation, highlighting the active and participating subject, stimulating art as collective and enhancing the participation and dialogue between individuals in training.

Key Words: Theatre of the Oppressed. Integral Education. Formation of the subject. Participation. Social Transformation.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Descrição dos projetos e programas da SME-Ipatinga

Quadro 2: Exercício “O que é opressão?”

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Jogo “Batizado à mineira”. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.

Figura 2: Registro em desenho. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.

Figura 3: Cena teatro fórum, tema: Profissões, a partir da perspectiva de gênero. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.

Figura 4: Cena teatro fórum, tema: Homofobia. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.

Figura 5: Opressões de gênero e LGBTTTT, a partir do exercício “O que é opressão?”. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.

Figura 6: Opressão de gênero, a partir do exercício “O que é opressão?”. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.

Figura 7: Cena teatro fórum, tema: Gravidez na adolescência. Oficina “Teatro do Oprimido” Programa Mais Educação na Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga, 2015.

LISTA DE SIGLAS

CTO - Centro do Teatro do Oprimido

EF - Ensino Fundamental

EI - Educação Integral

EJA - Educação de Jovens e Adultos

LDB - Lei de Diretrizes e Bases

LGBTTT - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros

MEC- Ministério da Educação

MG - Minas Gerais

PT - Partido dos Trabalhadores

PNE - Plano Nacional de Educação

PME - Plano Municipal de Educação

SEB - Secretaria de Educação Básica

SME - Secretaria Municipal de Educação

TO - Teatro do Oprimido

UGL - Unidade de Gestão Local

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1 – O TEATRO DO OPRIMIDO E A EDUCAÇÃO INTEGRAL: ASPECTOS DIALÓGICOS.....	13
1.1 - Definições e um olhar para o Teatro do Oprimido no município de Ipatinga.....	13
1.2 - Diretrizes da Educação Integral no âmbito municipal.....	17
1.3 - Reflexão sobre os diálogos entre a Educação Integral municipal e o método Teatro do Oprimido.....	21
CAPÍTULO 2 – TRAZENDO ENCONTROS: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA OFICINA DE TEATRO DO OPRIMIDO NA EDUCAÇÃO INTEGRAL DO MUNICÍPIO DE IPATINGA-MG.....	25
CONCLUSÃO.....	35
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende identificar e refletir sobre os diálogos pedagógicos possíveis entre o Teatro do Oprimido (TO) e a política de Educação Integral (EI) implementada no município de Ipatinga, Minas Gerais (MG). A necessidade de abordar o tema por esta pesquisadora surgiu por acreditar que essas relações em um ambiente escolar integral pode provocar transformações, estimulando o protagonismo, integrando o território em que o sujeito está inserido e desejando que a arte seja percebida em suas dimensões formativa, coletiva e participativa.

O Teatro do Oprimido é estruturado por Augusto Boal a partir de jogos, exercícios e técnicas de criação em teatro, comprometidas com a transformação do sujeito e de sua realidade. O método observa que todas as pessoas “*são atores, porque agem, e espectadores, porque observam*” (BOAL, 2011, p. 9). Busca uma quebra da barreira entre o teatro e o público e induz que a coletividade presente no evento teatral participe e intervenha na construção da cena que dialoga diretamente com a realidade. Esta forma de se fazer teatro configura-se como uma metodologia de formação na área e de formação humana, propondo a tomada de consciência de si e da sua atuação em sociedade, constituindo os *espect-atores*. Por isso, é aplicado também em outras instâncias que não necessariamente artísticas, sendo comum sua utilização em associações sindicais, movimentos sociais, organizações de base, etc.

A Educação Integral é uma concepção que tradicionalmente prevê “*a extensão do tempo escolar*”, como cita Cavaliere (2010, p. 249). Entretanto, no município de Ipatinga a Educação Integral articula um pensamento educacional de formação e interação entre o território e o sujeito, prevendo o seu desenvolvimento em todas as suas dimensões, sendo elas a social, intelectual, emocional, simbólica e física (SME-Ipatinga, 2015). Nesse sentido, os programas de implementação da EI ultrapassam a escola e pretendem instigar a junção entre os saberes, os espaços e a participação da comunidade que compõem o itinerário de aprendizagem dos estudantes. A escola não é a única responsável pelos processos educativos e deve estar aberta e integrada ao local, levando o educando a reconhecer-se como integrante, responsável pelo cuidado com o lugar e atuante na sua transformação. Ao mesmo tempo, ator e espectador local.

Para isso, o capítulo 1 realiza uma aproximação e diálogos entre as diretrizes da Educação Integral no município de Ipatinga e o método Teatro do Oprimido. A primeira

seção, intitulada “Definições e um olhar para o Teatro do Oprimido no município de Ipatinga” traz aspectos conceituais do método e de que forma ele historicamente esteve presente no município, influenciando inclusive a formação humana e artística desta pesquisadora. A seguir, a seção “Diretrizes da Educação Integral no âmbito municipal” aponta a relevância de ter uma proposta de formação integral e explica os projetos e os programas implementados atualmente, sendo eles o “Aprender Mais”, o “Mais Educação”, o “Ipatinga: Cidade Leitora”, “O que é que a cidade tem?”, o “A-E-Ipatinga”, o “Escola Aberta”, o “OP Educa”, o “PNAIC” e o “Amigo Micro”¹. Fechando o capítulo, em “Reflexão sobre os diálogos entre a Educação Integral municipal e o método Teatro do Oprimido” busca-se destacar e aprofundar as proximidades que existem entre as duas formas de fazer.

No capítulo 2 evidencia-se o processo teórico-prático de uma oficina de Teatro do Oprimido realizada por mim durante o primeiro semestre de 2015, junto a alunos da Educação Integral vinculados à Escola Municipal Arthur Bernardes. Neste ano, atuei como monitora junto ao Programa Mais Educação e, por isso, tive a oportunidade de ministrar uma oficina com carga horária total de 40 horas e intitulada “Teatro do Oprimido”. Separado em dois grupos em um mesmo dia, os participantes voluntários oscilavam de 17 a 32 alunos semanalmente. Residentes em bairros de periferia e em cidades vizinhas, cursavam o Ensino Fundamental II e a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A metodologia integrou a apresentação de quem foi Augusto Boal, leituras e rodas de conversa, discussão sobre conceitos importantes, como a opressão, e, finalmente, o arsenal de jogos do Teatro do Oprimido. A análise desses encontros foi realizada através do material escrito produzidos pelos alunos durante os jogos e os exercícios, dos arquivos fotográficos e audiovisuais registrados, sendo a oficina um mote para a reflexão que é proposta na presente monografia, das múltiplas contribuições do fazer teatral, a partir da forma aqui exposta, para a formação integral do sujeito.

¹ Informações obtidas em <http://educacao.ipatinga.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=42547>, acesso em abril de 2016.

CAPÍTULO 1 – O TEATRO DO OPRIMIDO E A EDUCAÇÃO INTEGRAL: ASPECTOS DIALÓGICOS

Este capítulo tem como objetivo identificar e refletir sobre aspectos gerais e específicos acerca do Teatro do Oprimido e a Educação Integral no município de Ipatinga, destacando os diálogos entre eles a partir de três seções.

1.1 - Definições e um olhar para o Teatro do Oprimido no município de Ipatinga

“...o teatro pode ser uma arma de libertação, de transformação social e educativa” (BOAL, 2005).

Para que seja mais bem entendida a inserção do TO na sociedade, pode-se definí-lo como *“o teatro da libertação”*, pois promove um embate entre o indivíduo e o outro que detém o poder no todo (OLIVEIRA, 2007). Seu método apresenta jogos, exercícios e técnicas de criação baseadas e desenvolvidas a partir de discussões sociais, políticas e artísticas, através de um pilar ético e solidário. Boal defendia que todos são atores e espectadores, portanto, agentes e observadores da vida, os *espect-atores*. Por isso, suas primeiras críticas estão na forma tradicional do fazer teatral em que tem o ator destacado, no palco, e uma plateia passiva, que escuta e recebe o texto declamado pelo ator. A proposta de Boal é libertar-se destas diferenças rígidas, partindo do princípio dos *espect-atores*. Se todos observam e agem, sendo capazes de se perceber em ação, todos os seres humanos são *espect-atores*. Assim, explica:

Teatro – ou teatralidade – é aquela capacidade ou propriedade humana que permite que o sujeito se observe a si mesmo, em ação, em atividade. O autoconhecimento assim adquirido permite-lhe ser sujeito (aquele que observa) de um outro sujeito (aquele que age); permite-lhe imaginar variantes ao seu agir, estudar alternativas. O ser humano pode ver-se no ato de agir, de sentir, de pensar. Ele pode se sentir sentindo, e se pensar pensando (BOAL, 2002, p.27).

O indivíduo ao experimentar jogos ou exercícios do Teatro do Oprimido tem a oportunidade de deixar algumas ações denunciarem o que está velado, que talvez nem a pessoa tenha consciência do que está acontecendo, de como age. Durante o processo essas

ações vão ganhando imagem, sentidos, voz e razão. Isso pretende provocar o autoconhecimento que é uma situação particular e interna. Ao mesmo tempo, em relação com o outro, em coletivo, ao estar em situação de *jogo*, pode-se observar a representação de situações próximas a você, dos conflitos que são vivenciados no cotidiano em sociedade. Neste estímulo de percepção do mundo, individual e coletiva, a tomada de consciência recorre a um trajeto que ao integrar coletivo e particularidades, levanta possibilidades para propor um movimento transformador de identificação e reconhecimento, fortalecendo o sujeito a tomar atitudes e não se fechar diante dos conflitos vivenciados.

O TO insere o teatro como instrumento de mudança da sociedade, em que cada um possui função de apoio, tanto político quanto artístico. Diluindo as barreiras da convenção dramática tradicional, Boal se aproxima do sujeito ativo que se percebe e age para a mudança em e no coletivo:

Para que se compreenda bem esta Poética do Oprimido deve-se ter sempre presente seu principal objetivo: transformar o povo, “espectador”, ser passivo no fenômeno teatral, em sujeito, em ator, em transformador da ação dramática (...). “O espectador liberado, um homem íntegro, se lança a uma ação!” (BOAL, 2005, p. 182).

Na proposta teatral de Boal, além de compreender a si mesmo, cada indivíduo vivencia, a partir de ações efetivas, reflexões sobre a possibilidade de transformação das opressões. Opressão pode ser entendido como algo que impede o outro de avançar, de ir adiante do seu desejo como sujeito. Bárbara Santos (2016), curadora e uma das fundadoras do Centro de Teatro do Oprimido, diz que *“a opressão se estrutura e se baseia em contextos de injustiças sociais, com desequilíbrio de poder e de oportunidades”* (SANTOS, 2016, p. 133). Este desequilíbrio é evidenciado a partir da relação fundante entre opressor e oprimido.

O oprimido é o sujeito que desconhece a forma de (re)agir diante da situação. Por isto, esse fazer teatral pretende tornar esta pessoa protagonista na história, discutindo as relações de poder de maneira horizontal. Permitindo que quem sofre a opressão se posicione politicamente e participe ativamente, transformando a realidade.

As técnicas do método Teatro do Oprimido são propostas para que o sujeito identifique, reconheça e reflita sobre as situações opressivas. No Teatro-Imagem representa-se de forma não verbalizada as opressões. Diferentes jogos estimulam o corpo a

representar em imagem estática o que foi vivido. No Teatro-Jornal propõe-se revelar o que está oculto, omitido das notícias veiculadas nos meios de comunicação. Para o Teatro-Invisível cria-se uma cena a ser apresentada em um local pré-determinado e que não é enunciada como um evento. O objetivo é que os *espect-atores* reajam e se posicionem em relação à situação de opressão que é exposta em um lugar que geralmente aconteceria aquele tipo de atitude. Por fim, o Teatro-Fórum é uma proposta de encenação que se baseia em fatos reais, onde há o embate entre opressor e o oprimido. Em determinado momento, o *espect-ator* é estimulado a intervir na cena propondo outras alternativas para que se resolva a situação conflituosa vivida pelo oprimido (BOAL, 2011).

A encenação dessas técnicas no TO trás a tona o protagonismo do indivíduo, que vê a possibilidade da pessoa ter capacidade de agir, articular condições, encontrar força coletiva e participativa. Assim, se trás para a arte teatral discussões, reflexões e encenações de representações de situações reais pelas quais os sujeitos já passaram, se identificam ou, ainda, pretendem dialogar para transformar.

Historicamente, podemos localizar a inserção do Teatro do Oprimido em Ipatinga a partir de dois movimentos. Primeiro em meados de 1989, quando o Partido dos Trabalhadores (PT) se elegeu para administrar a cidade. Na ocasião houve a implantação de diversas frentes de trabalho na rede municipal de ensino, com o objetivo de implantar novos formatos para a Educação em Ipatinga. As formações apresentadas em forma de módulos tinham como objetivo principal trazer uma política pedagógica menos tradicional, fugindo da centralidade no professor, cuja função era definida “*por vigiar os alunos, aconselhá-los, ensinar a matéria e corrigi-la*” (AZANHA, 2001).

Este movimento possibilitou a formação de agentes comunitários e professores que participaram de cursos, oficinas e seminários com profissionais vindos de outras cidades para capacitação e, também, através da saída dos profissionais do município para treinamentos voltados para Educação em várias áreas, sendo uma delas as Artes.

Na ocasião, Augusto Boal integrou o grupo de formadores de ensino de Artes, orientando a prática teatral em escolas e projetos sociais, capacitando pessoas que já trabalhavam ou se interessavam a trabalhar com Artes. Isso influenciou a formação de muitas delas que vieram a se tornar artistas e/ou professores.

Na segunda metade da década de 1990, então, alguns egressos dessas frentes de trabalho criaram a Escola de Iniciação Teatral Sete de Outubro. Mais que uma Escola de Teatro, o projeto tinha o lema “Caminho para a cidadania”, utilizando a arte como

instrumento para a formação de cidadãos críticos e conscientes de seus direitos e deveres. Fundada em 1995 e ativa até 2012, a existência da escola foi outro movimento importante que influenciou a presença de referências do Teatro do Oprimido no município.

Desde sua fundação, a Escola se tornou um importante segmento do movimento cultural da cidade. Por ela passaram inúmeros artistas que hoje atuam no município e região, ou em outros lugares. Foi referência na formação de novos artistas, na divulgação e propagação da arte teatral, na formação de público, de pensamento crítico e de transformação social influenciando a identidade cultural da região (CUNHA, 2012).

O idealizador do projeto foi o ator e diretor José Lopes Sobrinho. Inicialmente os cursos eram trimestrais, depois passaram a ser semestrais e, a partir de 1999, anuais. Com o tempo, a Escola foi crescendo e abarcando outros profissionais, entre professores e monitores. Entraram em cena, além do professor e diretor José Lopes, o também diretor e professor Claitom Kerly, curinga que ministrou trabalhos especificamente voltados para o método do Teatro do Oprimido. O curinga é um *orquestrador* das ideias que surgem na proposta do Teatro do Oprimido (SANCTUM, 2011). É um trabalhador que pode ocupar a função de professor ou diretor em um grupo, mas em essência é um fomentador, um provocador de participação dentro de ambientes artísticos e pedagógicos de ação no método. No teatro fórum é esta figura que aparece para mediar o diálogo entre *espec-ator* (a entrar em cena) e elenco. Nesta Escola, tive a oportunidade de atuar como monitora ao lado de outros colegas que ali se formaram.

Nos seus anos de permanência, a Escola funcionou por dez anos no Centro Cultural e Esportivo Municipal Sete de Outubro, depois no Teatro Zélia Olguin e, posteriormente, no Teatro Circu-Lar Farroupilha até ser desativada. Oferecia diversas oficinas, cursos de formação, intercâmbio entre companhias locais e estabeleceu parcerias com o governo municipal, instituições culturais e universidades. Além de cursos técnicos nas áreas de teatro, dança e circo, se produzia materiais teóricos e havia, ainda, práticas de montagens artísticas, voltadas para o público infantil e adulto. Nesse período o espaço da Escola acolhia o público em geral para participar e assistir os trabalhos teatrais que atendiam desde clássicos da literatura à espetáculos que provocavam a reflexão sobre temáticas do cotidiano, mais próximos do Teatro do Oprimido.

Nesse sentido, podemos dizer que o Teatro do Oprimido foi fortemente fomentado, pois era o fio condutor da metodologia de trabalho aplicada pelos monitores e por dois professores centrais na Escola: José Lopes Sobrinho que apoiou seu trabalho no

Arsenal dos jogos e exercícios de TO e Claitom Kerly, outro professor e curinga, que trouxe a prática para espaços alternativos, propondo apropriação e ocupação de espaços diversos, facilitando o diálogo da arte teatral com diversos meios de formação de público.

A partir da memória destes dois momentos históricos, percebe-se que a inserção do Teatro do Oprimido em Ipatinga foi essencialmente influenciada por ações prioritariamente da Educação que dialogavam com a vivência artística e cultural da cidade. Por isso, acredita-se na existência desses diálogos entre EI e TO.

Atualmente a metodologia do TO aparece de forma relevante dentro das oficinas ofertadas no ambiente escolar, na maioria das vezes em oficinas do Programa Mais Educação. Encontra respaldo, ainda, em algumas associações, movimentos sociais e sindicais, além de cursos e oficinas de formação de atores que são aplicadas pelos alunos que passaram pelo projeto “Caminho para Cidadania” na Escola, em suas produções docentes e artísticas.

1.2- Diretrizes da Educação Integral no âmbito municipal

Este tópico pretende apresentar como se desenvolve a Educação Integral em Ipatinga. Atualmente, há quarenta escolas municipais e em todas se observa a presença de ações e programas de formação integral. Pretende-se apontar a concepção de EI que atualmente influencia a gestão municipal, seus principais projetos e programas que vão de encontro a uma perspectiva descentrada de Educação.

A Educação Integral é uma concepção que tradicionalmente prevê “*a extensão do tempo escolar*”, como cita Cavaliere (2010, p. 249). Em sua concepção inicial, a EI previa somente a ampliação das horas de estudo do aluno na escola, quase como um reforço escolar. A perspectiva de aplicação da Educação Integral foi, aos poucos, abrangendo dimensões mais humanas, ganhando mais participação de diversas modalidades que colaboram com a formação do sujeito. Passou-se a considerar a Arte como formadora, estimulando a participação e a colaboração entre as disciplinas mais formais com as atividades mais lúdicas, integrando áreas que fortalecem o cognitivo, a sensibilidade, o psicológico, o emocional, o indivíduo em coletivo. Como lembra Cavaliere, “*a proposta de educação integral esteve, portanto, presente em diferentes campos políticos e servindo a múltiplas orientações ideológicas*” (CAVALIERE, 2010, p. 250).

Em uma perspectiva mais atual, a concepção de EI passou a integrar diversas relações que o sujeito pode traçar em sua trajetória, possibilitando a experimentação democrática em sua formação. Ter a oportunidade de proporcionar projetos que visam à formação dos indivíduos, com relações que acontecem *além dos muros da escola*, promovendo assim um sentimento de pertencimento à comunidade. Em conformidade com essa ideia, o município pretende capacitar sujeitos que sejam críticos, autônomos, solidários, capazes de intervir positivamente no meio em que vivem, que sejam conscientes de seus desejos e capazes de executar planos para realizá-los (SME-Ipatinga, 2015).

Por este motivo, pensou-se em desenvolver educandos de forma integrada que tivessem mais do que o tempo em sala de aula, aprendizagem através da vivência nas práticas ofertadas no contra turno, com modalidades de oficinas sendo conectadas com o conteúdo pedagógico que o aluno recebe durante o turno, uma proposta que visa a forma de aprender multidisciplinar, que ao invés de só ouvir a pessoa tem como experimentar, ir para ação e fazer as experiências com o próprio corpo.

Na rede municipal de Ipatinga, o Programa Mais Educação do Governo Federal foi o primeiro a ser implantado. No Brasil, ele está em vigor desde 2007 e tem como foco, além da extensão do período escolar, a reorganização curricular, trazendo uma formação mais completa e acolhedora, com um processo pedagógico que conecta áreas do saber à cidadania, cultura, lazer, esporte, meio ambiente, direitos humanos, saúde, tecnologia e educação econômica (Manual Operacional de Educação Integral, MEC/SEB, 2013).

No Programa Mais Educação, em Ipatinga, os profissionais que trabalham podem ser identificados no território onde a escola está situada, ser convidado a participar das atividades de formação a partir dos conhecimentos locais que ele possui, ou que pode vir a adquirir, se relacionando com diferentes formas de educação. Por exemplo: uma pessoa da comunidade que sabe fazer chás com plantas medicinais; um senhor que ensina a confeccionar pipas; e, até mesmo, as oficinas com carga horária continuada recebem monitores convidados, ou pertencentes ao território para esta troca de saberes. Mesmo sem ter uma formação especificada na área, o que é valorizado é o perfil dessa pessoa que poderá ser formada durante o processo. Desta forma, o aprendizado e as áreas de conhecimento, como as Artes, assumem um papel de formação participativa, integrando diversos atores do cotidiano.

Refletindo sobre a prática que aconteceu com a Escola Municipal de Iniciação teatral Sete de Outubro e também a oficina “Teatro do Oprimido”, aplicada por mim em

2015, acredito que a arte traz aprendizagem e atores são formadores. A partir do que Boal disse, que “*todo ser humano é ator*” (BOAL, 2011), pode se pensar que o posicionamento do município aponta para um caminho fomenta a proposta de Educação Integral.

Atualmente, a Secretaria Municipal de Educação criou e está implementando outros programas e projetos próprios visando a formação integral dos cidadãos, contemplando além da ampliação do tempo, a integração com os espaços e junto aos profissionais locais e aos agentes educativos dos territórios. Dentre as ações e os programas, destacam-se os relacionados no quadro abaixo:

PROGRAMAS E PROJETOS	CONTEÚDO PRINCIPAL
<i>Aprender Mais</i>	<i>O projeto atende a estudantes do 6º ao 9º ano, com a oferta de atividades esportivas e culturais em um clube da cidade e oficinas pedagógicas nos laboratórios de informática das escolas.</i>
<i>Ipatinga: Cidade Leitora</i>	<i>O programa busca descentralizar o acesso ao livro e incentivar a leitura por toda a cidade, atendendo não só aos estudantes, mas toda a população ipatiguense.</i>
<i>O que é que a cidade tem?</i>	<i>O programa articula vários projetos que buscam o diálogo da escola com a cidade. Ele parte da identificação e mapeamento dos potenciais educativos de cada território, para um posterior planejamento e execução de ações que utilizam esses potenciais. Tem como eixos principais a comunicação e alianças, a educação no território e o currículo transversal.</i>
<i>Escola Aberta</i>	<i>O programa incentiva, apoia e potencializa a parceria entre escola e comunidade ao ocupar de forma criativa o espaço escolar nos finais de semana, com programação educativa, cultural, esportiva, de formação inicial para o trabalho e geração de renda oferecidas a toda a população.</i>
<i>A-E-Ipatinga</i>	<i>O programa atua diretamente na alfabetização e letramento dos estudantes, visando garantir que eles adquiram as competências e habilidades relacionadas a leitura e escrita no período certo, ou corrigindo as defasagens quando se apresentam.</i>
<i>OP Educa</i>	<i>No Orçamento Participativo da Educação (OP Educa), alunos, pais, gestores e profissionais da Educação são incentivados atomar parte nas decisões sobre políticas, obras e serviços prestados pela Prefeitura no âmbito da Educação, participando de reformas e alocação de recursos nos ambientes escolares.</i>
<i>PNAIC</i>	<i>O Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa, prevê que todas as crianças estejam alfabetizadas até os 8 (oito) anos de idade.</i>

<i>Amigo Micro</i>	<i>O Projeto visa empregar o uso das ferramentas tecnológicas como suporte ao processo educacional incorporado à matriz curricular dos 4º e 5º anos do Ensino Fundamental através da plataforma educativa, em ambiente de aprendizagem criado para complementar ou subsidiar práticas didáticas relativas aos componentes curriculares de Língua Portuguesa e Matemática.</i>
--------------------	---

Quadro 1: Descrição dos projetos e programas da SME-Ipatinga
 Fonte: http://educacao.ipatinga.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=42547

Todos os programas e projetos listados e descritos no quadro acima apresentam características de Educação Integral que além de democratizar, serve para incluir o sujeito na sociedade, desenvolvendo autoconsciência e importância na comunidade, capacitação profissional, física e emocional, estimulando transformações no território, possibilitando a abertura de diversos caminhos a serem descobertos. Tendo como objetivo principal a formação com abrangência ampla e participativa.

No programa “O que que a cidade tem?”, por exemplo, no ano de 2015 alunos de todas as escolas municipais foram mobilizados a participar de saídas da escola junto a profissionais da Educação, a fim de mapear os espaços culturais, de alimentação, comércio e esportivos do entorno entendidos por eles como locais que apresentassem “oportunidades educativas”. Assim, modos e saberes de mestres populares, formas de plantio, cuidado com plantas, alimentos e medicamentos naturais, academias, grupos de dança, capoeira, natação, trabalhos manuais, salgadeiras, artes manuais com bijuterias, arte culinária, musicalização, atividades com informática, xadrez, arte urbana, elétrica foram atividades mapeadas nos territórios. Cada território elegeu sua prioridade e as ações estão sendo feitas entre a escola e pactuações que acontecem na comunidade, entre a família e os alunos e entre os agentes e grupos reconhecidos e os educandos (SME-Ipatinga, 2015).

Os profissionais que participam desses projetos e programas do município são pessoas que possuem diferentes formações, de agentes comunitários a técnicos, e com saberes que partem da academia, da vivência, do envolvimento com a tradição, são pessoas que contribuem com diferentes saberes na formação do cidadão. Isso tem ressonância na vida dos alunos que tem a oportunidade de experimentar diferentes culturas e olhares. Os educandos são convidados a praticar diferentes subjetividades dos conteúdos educativos.

Pensar este tipo de formação, de forma integral do indivíduo nos dias de hoje tem relevância por este estar inserido em um universo de informações cada vez mais midiática, mais tecnológica e de afastamento físico com o outro. Tais práticas que promovem o atual

contato entre as pessoas, o acesso ao conhecimento de forma participativa e coletiva, tendo uma maior possibilidade de se desenvolver um cidadão mais crítico, só foi possível no âmbito municipal por encontrar gestores que trouxeram esta perspectiva para o cenário atual. Uma expectativa, por exemplo, é formar as chamadas UGL - Unidade de Gestão Local que poderá fiscalizar e manter as ações que partem dos programas e projetos que estão sendo implementados de forma continuada.

As diretrizes atuais da aprendizagem na rede pública de ensino de Ipatinga dialogam diretamente com a proposta pedagógica do Ministério da Educação, por abordar a Educação Integral sobre o prisma de uma Educação mais transversal com dimensão do território, onde a cidade é educadora e a pátria é educadora, pensando que cada sujeito tem potencial para educar e para ser educado. Os saberes populares associados à recepção das informações que surgem no cotidiano, na cultura popular, nas tradições familiares, nas diferentes relações da zona rural e urbana, nas informações que veiculam nos meios de comunicação, o que integra a visão de que a Educação deve atender a todas as dimensões do desenvolvimento humano, sendo elas: *“físico, simbólico, social, afetivo e intelectual, que estão presentes ao longo de toda a vida”* (PME-Ipatinga, 2015).

Acredita-se que a forma como a rede municipal de ensino está organizada atualmente, oportuniza atividades educativas diversificadas e integradas ao currículo oficial. Ao implantar estes projetos e programas abre-se espaço para se aprofundar no estudo não só teórico, mas também prático de maneira multidisciplinar, com a aprendizagem na escola, família e comunidade. A escola regular necessita do diálogo com as oportunidades que são ofertadas no contraturno, através da EI por exemplo, para que seja uma complementando a outra, construindo uma forma multidisciplinar e fugindo das contradições que podem existir nas diferentes formas de formação. Criando assim um caráter dialético, de construir e reconstruir o saber, dentro e fora da escola.

1.3 - Reflexão sobre os diálogos entre a Educação Integral municipal e o método Teatro do Oprimido

Tanto o método Teatro do Oprimido quanto a proposta de Educação Integral implementada em Ipatinga trazem para o sujeito a possibilidade de protagonismo, de construção de saber pactuada com a impressão de cada um. Os aspectos dialógicos serão

aqui trazidos a partir de três pontos de destaque e aprofundamento: *o olhar sobre o sujeito*, a dimensão da *participação* e a perspectiva da *arte como coletiva*.

Primeiramente, no que diz respeito ao *olhar sobre o sujeito*, acredita-se que a Educação na sua origem é integral na medida em que deve atender a todos ambientes e relações da formação humana e cidadã, na qual o sujeito está em processo ao longo de toda a vida. A escola é um dos lugares de transformação do indivíduo, assim como a família e a sociedade também são potenciais, como destaca o Centro de Referências em Educação Integral:

A educação é por definição integral na medida em que deve atender a todas as dimensões do desenvolvimento humano e se dá como processo ao longo de toda a vida. Assim, educação integral não é uma modalidade de educação, mas sua própria definição (Centro de Referências em Educação Integral, 2012).

Em um contexto de formação integral, deseja-se que o sujeito para além do tempo de permanência na escola, tenha contato com diferentes áreas do conhecimento através de uma educação de qualidade, que seja atuante na comunidade e que acompanhe e promova ações de transformação no território (Projeto Aprender Mais, SME-Ipatinga, 2015). Ele também é percebido através de seu conhecimento, dotado de informações e saberes que foi construindo o que ele é, com elementos que revela sua ancestralidade, o meio social e cultural onde conviveu, as coisas que ele se identifica e o desejo que ele tem, seus sonhos.

Especialmente sobre a Educação Integral em Ipatinga, os projetos e os programas desenvolvidos pretendem incluir todos os sujeitos. Para isso, todos os segmentos e modalidades de ensino participam das ações da EI, desde a Educação de Jovens e Adultos (EJA), a Educação Infantil e o Ensino Fundamental (EF) à escolas especializadas no ensino de mudos, usuários de sofrimento mental, deficientes auditivos, visuais e físicos, com ambiente acessível a cada deficiência.

Enquanto isso, no Teatro do Oprimido o sujeito é o protagonista. Suas vivências sociais constituem o cerne da discussão, do encontro e da criação coletiva, criativa e participativa. O olhar sobre o sujeito influenciou (e influencia) desde o desenvolvimento de jogos e exercícios do método à construção das dramaturgias, revelando histórias e situações de opressão.

A dimensão *participativa* é outro ponto de diálogo entre EI e TO. Na Educação Integral, os processos de aprendizagem possuem a escola como referencial importante, mas não único. As relações com o outro, com o mundo, a família, os vizinhos, o território e a cidade são estimuladas. Todos são convidados a integrar e participar da formação escolas e em outros espaços educativos. Nessa perspectiva, a aprendizagem que é alcançada ganha outras dimensões e é relacionada e confrontada junto a autores, obras artísticas, filmes, meios de comunicação. Diferentes maneiras de conhecimento estão em jogo e são colocadas de forma multidisciplinar. Esta possibilidade educadora que acredita que todo ser humano é dotado de saberes, permitindo que a escola não seja do professor que ensina e o aluno que aprende, compreendendo o ambiente educativo para todos.

No Teatro do Oprimido a participação já é fundamental durante o processo criativo, que nasce a partir de desejos e problematizações expostas em discussões coletivas. O método que propõe um “*percurso pelos sentidos*” estimula o sujeito a opinar, atuar, representar, discutir, pensar, ceder e exprimir através de sons, palavras, imagens e movimentos sua própria vida.

Na técnica do teatro-fórum, que é a forma onde a cena conflituosa entre o opressor e o oprimido é representada, os *espect-atores* da plateia são convidados a entrar em cena pelo curinga. Na participação paralisa-se a peça e se estimular a pensar em possibilidades existentes para o oprimido lutar contra a opressão. Assim, a plateia assume o papel do oprimido e é convidada a entrar em cena e, por isso, participa plenamente - com seu corpo, voze ação - da encenação exposta.

Nesse contexto, percebe-se que o *fazer artístico* tanto na EI quanto no TO *é coletivo*. Nas oficinas artísticas oferecidas nos programas e projetos da EI, todo sujeito tem potencial de ser aprendiz e também de educador. Assim, muitos monitores dos programas são ex-alunos da escola, ou pessoas da comunidade convidadas a aplicar oficinas sem, necessariamente, possuir um currículo prévio na área pedagógica. Dentre os monitores que atuam nos programas da Secretaria Municipal de Educação de Ipatinga, por exemplo, existem alguns que possuem o saber e ensinam dentro do ambiente escolar e outros que não lecionavam antes e que foram acolhidos como educadores. Neste caso, o fato de não precisarem ser profissionais formados pode acarretar alguns problemas, como dificuldade na condução das aulas práticas, a técnica e a compreensão das especificidades da área da oficina ministrada. Por isso, a realização de formações periódicas para os

monitores é importante, aí sim ele fará sua atribuição com competência e estará, ao mesmo tempo, aprendendo e sendo um multiplicador em seu ambiente de trabalho.

No Teatro do Oprimido, o próprio fazer artístico é coletivizado. As criações cênicas trazem conteúdos coletivos que dão conta de situações vivenciadas no universo das relações sociais, de alguma colocação da população subjugada pela opressão, seja ela psicológica ou física. E, ainda, todos nós somos, potencialmente, artistas, pois “*somos todos espect-atores*” (BOAL, 2011, p. IX).

Então, pode-se dizer que esses diálogos pedagógicos entre o Teatro do Oprimido e a política de Educação Integral em Ipatinga contribuem para a construção de um sujeito ativo, pensante e participativo, para o envolvimento entre as pessoas e suas histórias e saberes, os territórios, as famílias e as escolas, para a apropriação e reconhecimento do que a cidade tem, para a formação de profissionais e de público interessado nas Artes, em especial o Teatro.

Ao saber o que tem de valor, o sujeito descobre também o que o pertence e passa a se apropriar do bem público, do seu próprio corpo, de seus direitos e deveres, exercendo de fato a cidadania.

CAPÍTULO 2 – TRAZENDO ENCONTROS: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA OFICINA DE TEATRO DO OPRIMIDO NA EDUCAÇÃO INTEGRAL DO MUNICÍPIO DE IPATINGA-MG

Este capítulo procura trazer reflexões acerca do processo teórico-prático da oficina “Teatro do Oprimido” ofertada na Escola Municipal Arthur Bernardes, durante o primeiro semestre de 2015, no contexto da Educação Integral de Ipatinga. A escola recebeu a oficina dentro do programa “Mais Educação”. Havia também várias modalidades, dentre elas a capoeira, musicalização, percussão, dança urbana, grafite, esportes e lutas, artes visuais, mediação de leitura e cursos técnicos profissionalizantes. Nesta escola todos os demais programas da Educação Integral também foram implantados, com atividades para crianças, jovens e adultos no horário formal e contra turno. Nos fins de semana, recebia-se o Programa Escola Aberta. A edificação da Arthur Bernardes é grande, existem três blocos e duas quadras cobertas, com diversos banheiros e cantina grande e equipada. Existem salas amplas com possibilidade para oficinas, salas de aula convencional e também equipadas para aula de Arte.

A localização da escola permite acesso de vários bairros, estando em um lugar descentralizado e com facilidade de transporte de diferentes bairros da cidade e também de cidades vizinhas. É um bairro de periferia e com presença de conflitos familiares, violência, criminalidade e uso de drogas. Há motivos para que esse território receba assistência da Educação em sua totalidade e, como a Educação Integral inclui alternativas educativas para as pessoas que apresentam tais características, se investiu em equipe e equipamento de forma a cobrir o território dentro e fora da escola, incentivando e acompanhando a articulação do território e dos programas implantados.

A escola fica situada no bairro Canaã e em seu entorno há os bairros: Vila Celeste, Canaãzinho, Morro do Batalhão, Cidade Nobre, Caçula e Vila da Paz. A avenida em que ela se localiza recebe ainda condução de cidades vizinhas, tais como Santana do Paraíso, Mesquita, Coronel Fabriciano e Ipaba. As oficinas são bem recebidas, com adesão de muitos alunos. Há uma participação na escolha dos temas para as oficinas e a indicação dos monitores dos programas de Educação Integral, de forma que a comunidade é ouvida, o que facilita a continuidade das ações e o menor número de evasão.

Os profissionais/monitores que participam dos programas e ações implementados na escola eram pessoas que se candidataram à direção da escola. Todos passaram por

entrevista e de acordo com o perfil, tanto das demandas pedagógicas e as sugestões da comunidade, eram selecionados para trabalhar no projeto. Tive a oportunidade de ministrar a oficina durante o primeiro semestre de 2015.

A participação na oficina era para todos os alunos que se inscreveram no Programa Mais Educação. A aceitação foi de sessenta e cinco por cento, das trinta vagas ofertadas, com pouca desistência durante o percurso. A faixa etária integrou alunos de 14 a 23 anos. A sala em que trabalhávamos era uma sala de aula convencional, sendo que as cadeiras eram colocadas em círculo nas extremidades da sala para o centro ser liberado. A participação do grupo permitia que se realizasse a vivência teatral até mesmo em outra sala vazia ou no pátio da escola.

Com carga horária total de 40 horas, o percurso metodológico abarcou a apresentação de quem foi Augusto Boal, a discussão de fragmentos textuais escritos pelo autor juntamente com discussão em rodas de conversa, reflexão sobre conceitos importantes presentes no Teatro do Oprimido, a vivência de jogos e exercícios deste arsenal e criação de cenas de teatro fórum. A organização, identificação e análise dos dados aqui apresentados ocorre através do levantamento das informações presentes nas fichas de inscrição dos alunos participantes, dos relatos produzidos durante os seus processos criativos, dos arquivos fotográficos e audiovisuais registrados. O objetivo é confirmar que há diálogo e contribuições entre o Teatro do Oprimido e a Educação Integral. Na revista *Metaxis*, Moacir Gadotti traz que:

A educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para permitir que homens e mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história. A libertação, como objetivo da educação e do teatro, situa-se no horizonte de uma visão utópica da sociedade e do papel da educação. A educação, a formação, devem permitir uma leitura crítica do mundo. O mundo que nos rodeia é um mundo inacabado e isso implica a denúncia da realidade opressiva, da realidade injusta (inacabada) e, conseqüentemente, de crítica transformadora, portanto, de anúncio de outra realidade (GADOTTI, 2007, p.43).

O que está dito sobre o anúncio de outra realidade são as possibilidades que podem surgir durante a criação artística e formativa transformadora do sujeito em diversidade. Ao discutir uma saída para o oprimido em cena há a oportunidade de problematizar e buscar a saída para a libertação na vida. Neste sentido foi importante ter

como percurso metodológico, prioritariamente a metodologia do Teatro do Oprimido, que trouxe as opressões relevantes para aquele coletivo de sujeitos, depois de alguns encontros em que expressaram a partir dos jogos e exercícios provocações para reflexão.

Nos primeiros encontros da oficina discutimos muito sobre a opressão. Já na definição deste conceito apareceram ideias que divergiam muito entre si. Houve um desencontro de faixa etária e também de abordagem, tendo em vista que os participantes integravam moradores de diferentes comunidades e cidades vizinhas. Isso exigiu uma divisão do grupo para melhor estruturar o conteúdo com profundidade, sem queimar etapas e sem deixar superficialidades. Assim, a estrutura de dois grupos trouxe temas diferentes. O primeiro elegeu situações relacionadas às profissões e mercado de trabalho, à gravidez na adolescência e à questão de gênero, sobretudo sobre os LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros), destacando homofobia e bifobia. O segundo escolheu tratar sobre a maioridade penal, a gordofobia, a liberação da maconha e a violência familiar ou doméstica.

Durante o trabalho prático, de sala de aula, foram abordadas as seguintes categorias: *“Sentir o que se toca”*, *“Escutar o que se ouve ativando os vários sentidos”*, *“Ver tudo o que se olha”* e *“Memória dos Sentidos”*. Estas categorias estão presentes na metodologia do Teatro do Oprimido, que propõe um arsenal de jogos que foram criados, experimentados e registrados pelo seu criador Augusto Boal e estão organizados principalmente no livro *“Jogos para Atores e Não-Atores”* (2011). As propostas lançadas tinham como objetivos despertar no indivíduo que as pratica a tomada de consciência, de percepção de si como sujeito e integrante no coletivo, ativo e transformador da sociedade. Para tanto, é necessário identificar, reconhecer e enfrentar as opressões. O oprimido é aquele que recebe e está na relação direta deste embate de forças desproporcional. Na imersão no método é possível distanciar-se das situações de opressão e liberta-se, refletindo sobre alternativas claras através da encenação de transformação social. Santos (2016) define a oprimida como:

A pessoa/personagem que tem alguma percepção (mesmo que intuitiva) da injustiça que enfrenta e, por isso, deseja e necessita transformar a realidade em que vive, estando disposta a lutar pelo que considera justo e a enfrentar o futuro que deseja. E, a partir desse lugar, convida e estimula o público a auxiliá-la nessa busca e nessa luta (SANTOS, 2016, p. 136).

Com estes estímulos foi feito o convite aos alunos da oficina. O início de cada oficina trazia uma roda de conversa e o primeiro jogo aplicado foi “*Batizado à Mineira*”. Sobre este jogo, Boal descreve:

Atores em círculo; cada um, em sequência, dá dois passos a frente, diz seu nome, diz uma palavra que comece com a primeira letra de seu nome e que corresponda a uma característica que possui ou crê possuir, fazendo um movimento rítmico que corresponda a essa palavra. Os demais atores repetem duas vezes: Nome, palavra e movimento. Quando já tiverem passado todos, o primeiro volta, mas agora numa posição neutra, e são os demais que devem se lembrar da palavra, nome e gesto. Naturalmente, este exercício faz-se com grupos que se encontram pela primeira vez, e não com velhos amigos (BOAL, 2011, p.143).

Como podemos perceber na descrição, o jogo propõe que posicionado em círculo cada um possa se apresentar, trazendo uma característica sua, fazendo a tentativa de elencar o que pode o representar em coletivo, aproximando os participantes, como ilustrado na imagem abaixo:

Figura 1: Jogo “Batizado à mineira”. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.



Foto: Marcus Abreu.

A escolha do jogo para iniciar a prática da oficina ocorreu porque tal exercício pode ser uma primeira abordagem para aproximação do grupo e, ainda, uma tomada de consciência do sujeito que, em *jogo*, se vê no momento em que o outro fala seu nome, som e movimento a partir da sua primeira proposta. Ou seja, o sujeito pode ver o que fez e

como se percebe, vendo o outro agir e falar o que disse. Assim, ele tem a oportunidade de (se) expressar, (se) observar e (se) ouvir em coletivo, podendo se alcançar uma profundidade de início, estimulando o vínculo, a cumplicidade entre os envolvidos. Neste momento, a pessoa já inicia uma ação de protagonismo, se colocando, observando e escolhendo algo sobre ela que julga importante.

A prática de ver-se no outro, de reconhecer a si mesmo, apareceu em várias circunstâncias da oficina. Na imagem abaixo, por exemplo, uma adolescente revelou uma situação de opressão que surgiu depois do jogo “Canto da Sereia” que faz parte do arsenal de jogos do Teatro do Oprimido, estando na categoria “*Ver tudo o que se olha*”.

Figura 2: Registro em desenho. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.



Foto: Claudiane Dias Silva.

O compartilhamento de conflitos através do jogo “*Canto da Sereia*” foi proposto na terceira semana de aulas. Boal (2011) descreve-o da seguinte forma:

Difícil e delicado. Os atores pensam em uma opressão que realmente tenham vivido, fecham os olhos e se juntam em grupo no centro da sala. Quem quiser começar, emitirá um som (um grito, um gemido, um choro ou lamento) que deve ser a tradução sonora de uma opressão em que se tenha pensado. O diretor o levará pela mão para um dos cantos da sala. Um segundo ator fará o mesmo, pensando em uma de suas próprias opressões. Depois um terceiro e um quarto, cada um na vez, com um grito específico e sempre diferente. Os quatro primeiros atores devem então emitir seus gritos ao mesmo tempo. Os que permanecerem no centro, sempre com os olhos fechados, deverão ouvir atentamente os quatro primeiros atores e escolher qual dos gritos se assemelha à sua própria opressão; assim se formarão quatro grupos. Então todos abrirão os olhos e, em cada grupo, cada ator contará aos demais a opressão que tinha em mente, o episódio que

imaginou. Curiosamente, dentro de cada grupo, as histórias serão sempre o mesmo tipo de opressão ou tema (BOAL, 2011, p. 166).

Depois de ouvirem os comandos e experimentarem os sons e ruídos de opressão, todos se dividiram com os que se identificaram. Houve uma roda de conversa após o jogo, o que possibilitou a cumplicidade e participação. Neste momento foi proposto que eles registrassem em uma folha de papel branca a sensação ou a situação provocada pelo jogo. Na figura 2, a aluna revelou uma opressão domiciliar. Ela relatou o quanto se sentia protegida no ambiente escolar e, por este motivo, procurava participar de diversas oficinas ofertadas também nos demais programas de Educação Integral. Para ela, a escola “*era um refúgio*” e, através das oficinas, conseguia se ver “*livre*” de uma “*invasão de privacidade*” que sofria pelo seu padrasto.

Outra perspectiva trazida através da aplicação de jogos e exercícios de TO foi a questão de gênero. Em alguns jogos, como no “*Jana Cabana*”, na “*Máquina do ritmo*” e no “*Gato e Rato*” que propõem, de forma semelhante, a separação de grupos a partir de duas pessoas, percebeu-se que eles acabavam por se dividir considerando suas identidades de gênero e suas orientações sexuais. Assim, a maioria das opiniões divergentes não incluía a mulher. E, por isso, foi proposto discutir sobre isso a partir da cena fórum, ilustrada na figura a seguir:

Figura 3: Cena teatro fórum, tema: Profissões, a partir da perspectiva de gênero. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.



Foto: Marcus Abreu.

Na figura acima, o grupo privilegiou abordar as diferenças de acesso ao mercado de trabalho entre mulheres e homens, criada a partir da pergunta “*Onde a mulher deve trabalhar?*”. Este tema se desenvolveu por conta da insatisfação durante a oficina referente às questões que se relacionavam com o “*Onde*” é o lugar de mulher e do homem, “*O papel do homem*” e “*O papel da mulher*”.

Em outra cena fórum, a questão de gênero também esteve presente, como mostra a figura a seguir:

Figura 4: Cena teatro fórum, tema: Homofobia. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.

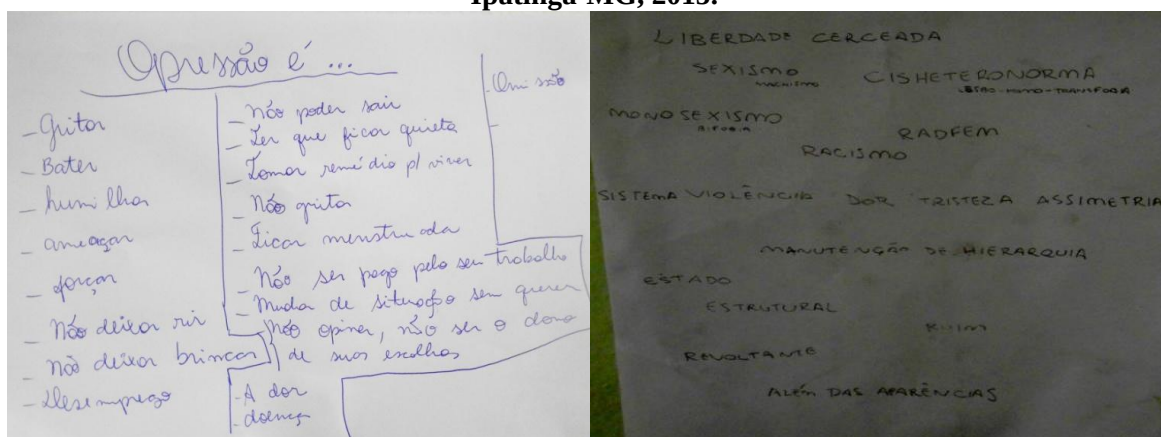


Foto: Marcus Abreu.

Na cena de teatro fórum representada acima, dois homens se relacionam. O diálogo surgiu do jogo de “*Completar a imagem*”, presente na técnica Teatro Imagem do método de Teatro do Oprimido (BOAL, 2011, p. 186). Os alunos fizeram uma partitura com a movimentação do *completar a imagem*, enquanto dialogavam, tendo inspiração no texto “O Companheiro” de Caio Fernando de Abreu. O texto é um diálogo entre duas pessoas que questionam o companheirismo, que associado à cena contextualizava um encontro amoroso entre dois homens. Assim, quando se encontravam no centro da sala para o suposto encontro, o casal era atacado por xingamentos, chegando no momento da ação do curinga. Para o exercício de estímulo de participação e aquecimento dos *espect-atores* na plateia, foi utilizado o exercício “*Sim sim, não não*” (BOAL, 2011, p. 144). Nele é proposta a construção de uma melodia que ressalta a dicotomia entre as palavras - “SIM e NÃO”/”JOÃO e MARIA”/”PEDRO e JOÃO” -, o que acaba por *desmecanizar* as ideias e construir outros significados possíveis para as relações.

A identidade de gênero e as diferentes orientações sexuais foi o mote da maioria das opressões abordadas. Por este motivo, as cenas e as produções estéticas construídas tiveram muito dessas reflexões, como ilustra os registros de opressão colocados pelos alunos a seguir:

Figura 5: Opressões de gênero e LGBTTTT, a partir do exercício “O que é opressão?”. Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.



Fonte: Claudiane Dias Silva.

A questão de gênero entre as mulheres foi outro assunto presente na oficina. Esteve em questão as diferentes formas de opressão da mulher pela mulher, da conduta esperada, da competição entre elas, do julgamento de outra a partir do que ela veste, problematizando algumas ideias como a futilidade e a sensação dela como mercadoria, que se sobressai ao analisar a figura feminina pelo que está vestindo. Assim, uma aluna que tinha discriminado a outra, como uma delas ilustrou na sua imagem de opressão trazida abaixo, fez uma defesa sobre a forma de se vestir, refletindo sobre os discursos sociais e a moda imposta pelo mercado:

**Figura 6: Opressão de gênero, a partir do exercício “O que é opressão?”.
Oficina “Teatro do Oprimido”. Programa Mais Educação, Escola Municipal
Arthur Bernardes, Ipatinga-MG, 2015.**

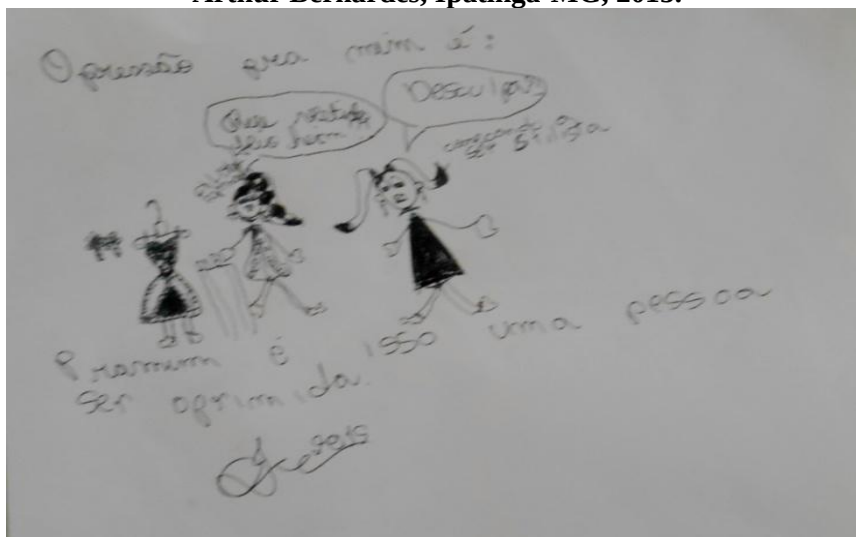


Foto: Claudiane Dias Silva.

Indução do exercício: O que é opressão?

Diálogo expressado no desenho: A - *Que vestido feio, hein?!*

B - *Desculpa, para mim isso é ser estilosa*

Quadro 2: Exercício “O que é opressão?”

Depois de discutida estas questões, a gravidez na adolescência também surgiu como temática entre os participantes:

**Figura 7: Cena teatro fórum, tema: Gravidez na adolescência. Oficina “Teatro do Oprimido”
Programa Mais Educação na Escola Municipal Arthur Bernardes, Ipatinga, 2015.**



Foto: Marcus Abreu

O registro da figura 7 mostra uma cena do teatro fórum, que foi resultante de um diálogo sobre a gravidez na adolescência. Com o objetivo de gerar algumas discussões importantes para essa faixa etária foi apresentado diversos temas que apareceram nas rodas de conversa realizadas durante a oficina, aos grupos formados durante este jogo. Um deles demonstrou interesse pelo tema, causando um debate construtivo sobre as responsabilidades, as precauções e a sugestão de aborto legalizado que tinha como protagonista a mulher/adolescente.

Outro tema eleito pelo grupo neste jogo proposto foi a gordofobia. Na cena fórum, os quatro alunos do grupo optaram por uma encenação que trazia a repetição de uma situação de opressão cotidiana vivida pela pessoa oprimida. Todos os dias, a oprimida precisa pegar ônibus para chegar na escola, mas, pelo seu sobrepeso, não consegue passar na roleta da condução, pedindo que o cobrador a deixasse pagar e sair pela frente. Um dia, um cobrador não permite e ela tem que passar a roleta. Na situação, ela fica presa e é humilhada pelas pessoas do ônibus que tem que ser recolhido para a garagem. Diante desta situação, o fórum refletia sobre quais poderiam ser as alternativas de mudança ou luta pela libertação desta personagem.

Através da descrição e aprofundamento do processo teórico-prático da experiência desta oficina, podemos perceber que o “Teatro do Oprimido” propõe uma transformação do olhar sobre si, sobre o outro e a sociedade. Dos contatos agressivos do início da oficina, percebeu-se a transformação entre os sujeitos que passaram a dialogar mais e a trocar olhares cúmplices e toques suaves de companheirismo, na cena, no jogo e externamente ao espaço de aula. Se lançaram, ainda, às criações criativas das cenas de Teatro Fórum, conseguindo levantar discussões sobre temas que atravessavam seus universos familiar, pessoal, do território e do mundo. Assim, de assuntos considerados “polêmicos” que atravessam o cotidiano destes jovens e adolescentes, se permitiram a exercitar o pensamento crítico, a tomar consciência sobre as diversas ideias e pensamentos dos outros, a participar com seu corpo, olhar e voz de outras situações encenadas, vivenciando a arte como trabalho coletivo e a reflexão sobre si e o mundo, apropriando-se do seu lugar de protagonista na sociedade.

Existem muitos ganhos quando a Educação se integra com a Arte, pois assim o ser humano se revela de forma criativa. Acredita-se que a aplicabilidade do Teatro do Oprimido é ainda mais interessante porque lança luz onde está escuro para o oprimido, estimulando a igualdade nas vozes e a diversidade entre os seres.

CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo identificar e refletir sobre aspectos dialógicos presentes entre o método Teatro do Oprimido e a política de Educação Integral no município de Ipatinga-MG, observando o processo teórico-prático de uma oficina de TO ofertada no âmbito da Escola Municipal Arthur Bernardes, sob a minha monitoria no ano de 2015. Ao analisar o conteúdo metodológico da oficina e as relações desenvolvidas junto aos estudantes e à escola, percebe-se diversas contribuições possíveis do TO para uma perspectiva de formação integral do sujeito. Dentre elas, o incentivo à participação, o estímulo a observar e atuar em coletividade, a percepção da arte como coletiva, a tomada de consciência e a autocrítica. Todos estes pontos puderam ser trabalhados a partir de questões de opressão que os alunos levantaram, definiram e identificaram como problema.

Desta forma, conclui-se que trazer o olhar para o diálogo existente entre as duas formas TO e EI tem relevância para Ipatinga, no que diz respeito à política pedagógica que está sendo aplicada na atualidade, que tem a Arte como aliada à formação de novos cidadãos. Nas experiências relatadas no presente estudo se exemplifica que o TO pode ter relevância e amplitude na formação de crianças e adolescentes.

A pesquisa também trouxe momentos históricos em que o Teatro do Oprimido esteve fortemente presente em experiências pedagógicas no município. Em um primeiro momento em meados de 1990, quando Augusto Boal esteve no município em processo de formação de multiplicadores que ficaram e difundiram ações e projetos em TO. Depois, no funcionamento da Escola Sete de Outubro e, na atualidade, a continuidade da metodologia pulverizada nos grupos e movimentos culturais através dos alunos que participaram desta escola de Iniciação Teatral, depois renomeada como Escola Municipal de Artes Cênicas Antônio Roberto Guarnieri. A sustentação da maior parte dos grupos culturais existentes no município e dos produtores culturais volta-se para a formação em Teatro do Oprimido.

Futuros trabalhos podem apresentar a relevância histórica da presença da Escola de Teatro para a formação da identidade cultural do município de Ipatinga. Junto ao Teatro do Oprimido, um tema interessante pode ser a relação das práticas de T.O com aspectos do corpo-cidade.

Eu mesma estive presente nos processos históricos descritos aqui. Fui aluna de Iniciação Teatral dentro do período de aula formal em Escola da rede municipal de Ipatinga e tive aulas de formação de TO para educadores entre 1990 até 1993. Depois,

como aluna na Escola de Iniciação Teatral Sete de Outubro, trabalhei como monitora e, mais tarde, como professora. Quando o espaço cultural passou a se chamar Escola Municipal de Artes Cênicas Antônio Roberto Guarnieri, integrei a equipe de gestão, atuando também como professora de teatro e circo.

No ano de 2015 fui monitora do programa “Mais Educação”, onde tive a oportunidade de aplicar as técnicas do TO, que foi o mote para reflexão das possibilidades de diálogos entre TO e EI no município de Ipatinga. Atualmente, ocupo o cargo de coordenadora de teatro e circo, na SME de Ipatinga, tendo a possibilidade de intervir, refletir e propor, juntamente com os monitores da Educação Integral, ações que possam vir a fomentar formas de participação ativa e coletiva, e de inclusão dos conflitos, formando e transformando os sonhos dos alunos da rede municipal de Ipatinga.

O poder público na cidade de Ipatinga busca criar condições para as redes de parceria. A política pedagógica que está sendo implantada na atualidade, com uma administração com olhar sensível sobre a Educação, buscando agir e criar mais relações entre território, família e escola poderá ser mantida se houver apropriação das ações da comunidade e o desejo de lutar de forma participativa para que não acabe. O Teatro do Oprimido estimula estas possibilidades. Em suas técnicas e através dos jogos, provoca-se a formação de jovens com mentes mais críticas e pluralistas, acreditando em um futuro melhor. A EI vai de encontro ao TO, com a ideia de provocar a participação ativa dos sujeitos, visando à democratização dos meios de produção cultural, o fortalecimento da cidadania e a transformação da realidade. Ao saber o que tem, o aluno descobre também que o pertence e passa a apropriar do bem público, do seu próprio corpo, de seus direitos e deveres, exercendo a cidadania. São formas de fazer que fazem intervenções sociais, visando a inclusão do sujeito e o desenvolvimento humano.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AZANHA, J. M. P. “Parâmetros Curriculares Nacionais e Autonomia da Escola”. In: *Internacional Studies on Law and Education* [internet]. Faculdade de Educação da USP, São Paulo, 2001. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/harvard3/zemar.html>>. Acesso em maio de 2016.
- BOAL, A. *Jogos para Atores e Não atores*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.
- _____. *O Arco-Íris do Desejo: método Boal de teatro de terapia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
- _____. *Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação (MEC). Secretaria de Educação Básica (SEB). *Manual Operacional de Educação Integral*. Brasília: MEC/SEB, 2013.
- CAVALIERE, A. M. “Anísio Teixeira e a educação integral”. In: *Revista Paidéia*, Ribeirão Preto, v. 20, n. 46, p. 249-259, 2010.
- CUNHA, L. *Mapeamento da dança e do teatro em Ipatinga*. Catálogo, Edição da autora, 2012.
- FERREIRA, T. *A Escola no Teatro e o Teatro na Escola*. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- GADOTTI, M. “Teatro do Oprimido e Educação”. In: *Metaxis – Teatro do Oprimido nas Escolas*. Informativo do Centro de Teatro do Oprimido, CTO-Rio. Rio de Janeiro, 2007, p. 42-43.
- OLIVEIRA, U. A. S. M. *A criação de textos teatrais a partir de jogos e das peças didáticas de Bertolt Brecht*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.
- SANCTUM, F. *Estética do Oprimido de Augusto Boal – Uma Odisséia pelos Sentidos*. Dissertação (Mestrado em Ciência da Arte) - Programa de Pós-Graduação em Ciência da Arte, Instituto de Artes, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2011.
- SANTOS, B. *Teatro do Oprimido: Raízes e Asas - uma teoria da práxis*. Rio de Janeiro: IbisLibris, 2016.

Referências Eletrônicas

ASSOCIAÇÃO CIDADE ESCOLA APRENDIZ. Disponível em: <<http://www.cidadeescolaaprendiz.org.br/>>. Acesso em abril de 2016.

CENTRO DE REFERÊNCIAS DE EDUCAÇÃO INTEGRAL. Disponível em: <<http://educacaointegral.org.br/conceito/>>. Acesso em junho de 2016.

CENTRO DO TEATRO DO OPRIMIDO. Curinga do Centro de Teatro do Oprimido. Disponível em: <<http://ctorio.org.br/novosite/arvore-do-to/teatro-forum/>>. Acesso em março de 2016.

METAXIS. Edição sobre Teatro do Oprimido e Educação. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/209857268/METAXIS-ESCOLA>>. Acesso em março de 2016.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Disponível em: <<http://educacaointegral.mec.gov.br/>>. Acesso em abril de 2016.

PLANO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO (PME-Ipatinga). Disponível em: <http://www.ipatinga.mg.gov.br/abrir_arquivo.aspx/219.2015_-_plano_municipal_de_educacao_de_ipatinga?cdlocal=2&arquivo=%7B6eccc6ea-bdc0-0aea-cbcc-8cdb4010a043%7D.pdf>. Acesso em março de 2016.

PROJETO APRENDER MAIS. SME-Ipatinga. Disponível em: <http://educacao.ipatinga.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=42424>. Acesso em maio de 2016.

SECRETARIA MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE IPATINGA (SME-Ipatinga). Disponível em: <<http://educacao.ipatinga.mg.gov.br/>>. Acesso em abril de 2016.

SÉRIE MAIS EDUCAÇÃO INTEGRAL. Ministério da Educação. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/cadfinal_educ_integral.pdf>. Acesso em abril de 2016.